

Diva Pacheco

Atriz e uma das fundadoras da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém

“A maioria do público de A Paixão de Cristo é de católicos e evangélicos. Eles assistem por fé. Se Maria chora, eles choram; se Jesus chora, eles choram.”

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron no dia 28 de junho de 2010, em São Paulo.

Diva Pacheco

O que começou há meio século como uma “brincadeira” familiar, transformou-se ao longo das décadas em um dos maiores eventos de celebração da Semana Santa no país: a montagem da *Paixão de Cristo* em Nova Jerusalém, distrito da cidade de Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco. Por trás do longo sucesso da experiência está Diva Pacheco, atriz, figurinista e artista plástica que, ao lado do marido Plínio Pacheco, se empenha na produção do evento.

Os pais de Diva foram parar na vila da Fazenda Nova depois que a mãe dela visitou uma estância mineral na região, em busca de águas medicinais – o lugar era famoso por isso. Apaixonada por teatro, a mãe brincava de dramatizar *A Paixão de Cristo* e, aos poucos, os turistas se aglomeravam para assistir. Ano a ano, a coisa crescia, a princípio com atores locais. Surgia Nova Jerusalém, uma cidade para encenar a morte de Jesus. Mas, desde que Fábio Assunção virou Jesus e Silvia Pfeiffer, Nossa Senhora, atores globais passaram a fazer fila à espera de uma oportunidade de atuação.

Como fenômeno que atraiu 80 mil pessoas na edição de 2010, as montagens demandam espaço maior. Diva e Plínio criaram a cidade-teatro, uma área com 100 mil metros quadrados e tida como o maior teatro ao ar livre do mundo. A peça já virou tradição, aliás, tomada como patrimônio cultural pelo governo pernambucano. Para Diva, montar a mesma peça a cada temporada “é como ter um filho que não envelhece; Nova Jerusalém sempre fica mais nova”.

A *Paixão de Cristo* de Nova Jerusalém tem 60 anos. Como foi que isso aconteceu?

Começamos em 1951, fazíamos *Paixão de Cristo* de brincadeira, só na família. Minha mãe era doente por teatro. Fazia espetáculo de tudo que é santo, de pastoril até papai Noel. A vila era muito pequena, não tinha nada. Papai era dono de vários hotéis, aí inventava essas festas, nas quais entravam muitos turistas. Ah, e tinha a água mineral da fonte Fazenda Nova, que curava. Hoje não cura mais porque está poluída.

Curava mesmo?

Curava fígado, estômago. Tinha uma lama que você passava no rosto e deixava a pele maravilhosa. Minha mãe era de Panelas, papai de Quipapá, na Zona da Mata. Uma vez minha mãe foi passear e descobriu a Fazenda Nova. Os homens iam para o sertão, levando queijo, carne-de-sol para vender, e paravam em Fazenda Nova. Tomavam dessa água, davam aos animais, comiam e dormiam lá para depois seguirem viagem. Aí por causa dessa água, começou a aparecer gente para fazer tratamento, como aconteceu com a minha mãe.

Era uma água quente, tinha essa lama que parecia um creme, você botava no rosto e, quando secava, tomava um banho, lavava com a própria água. Ficou famosa e começou a trazer turista. Mamãe já era viciada em teatro desde os 13 anos. Estudou em um colégio de freiras francesas em Maceió, onde aprendeu teatro. Ela botava os filhos todos para trabalhar, mas só quem gostava de teatro era eu e meu irmão Luiz Mendonça. Mas todo mundo tinha que trabalhar. Em 1951, meu cunhado mandou para minha irmã uma revista que falava sobre um espetáculo em Oberammergau, na Alemanha. Daí veio a ideia de fazer *A Paixão de Cristo*. Meu irmão, Luiz Mendonça, trabalhava em Gravatá e escreveu o texto para montarmos o primeiro espetáculo naquele ano. Eu fazia dois personagens: o demônio do Horto das Oliveiras e uma menina de Jerusalém. Meu irmão foi o Cristo e minha irmã, Nossa Senhora. A cunhada foi Madalena, o outro irmão, Pilatos. Quer dizer, o elenco, com umas 20 pessoas, era formado pela família. Aproveitamos aquelas casas antigas da Vila de Fazenda Nova e fizemos a primeira *Paixão de Cristo*.

Era apenas sua família? Como a comunidade se envolvia? O padre participava?

Participava. Ninguém sabia o texto, porque era muito grande. O padre ficava dizendo o texto. Meu pai odiava. Aí mamãe dizia: “Esse ano você vai ser Caifás”. E ele: “Não vou ser nada”. Ela e o meu irmão eram os diretores. Meu pai teve que fazer o Caifás (*risos*). Ele falava assim: “Vai dizendo o texto, Sebastiana, que eu respondo”, e isso em cena! Ele não sabia uma palavra. Aí ela dizia: “Isso e isso”, e ele repetia na sequência. Mas a sorte é que não tinha microfone, não tinha luz. Nesse tempo foi que o meu marido Plínio Pacheco apareceu. Nós namorávamos. Ele trouxe da Aeronáutica um gerador bem pequenininho, que a gente botava nas costas de quatro soldados romanos. Chegava na cena, acendia o gerador; terminava a cena, desligava. E, assim, fazíamos o espetáculo no início. Depois, foi crescendo, ficando bonito. Uma vez, aconteceu uma coisa muito engraçada: o túmulo de Jesus era no chão. Eles cavaram um buraco e botaram o meu irmão lá dentro. O sangue era feito com açúcar, clara de ovos e anilina vermelha. Quando botaram o Cristo morto lá, todo mundo chorou, os figurantes choraram. De repente, meu irmão se levantou correndo: “Me acudam, que eu estou sendo mordido por formiga!” E saiu correndo, todo mordido por aqueles formigões. Ficou todo encaroçado (*risos*).

Como o espetáculo começou a crescer? Foi quando começou a aparecer o público de Recife?

De Recife, de Caruaru, do interior. O cenário e o figurino, nós que fazíamos.

Sabe de quê? De papel, de cimento. Emendávamos tudo com cola de goma e pintávamos. Meu irmão trabalhava na Secretaria da Fazenda, era coletor estadual, e chamava as pessoas para ajudar. Todos tiravam férias na mesma época, perto da Semana Santa. Um pintava o cenário, o outro cortava o papel, o outro fazia o figurino – cada um tinha uma coisa para fazer. Todo mundo ficava hospedado na casa de papai, mas todos trabalhavam, e com boa vontade. Plínio trouxe um ônibus de jornalistas para assistirem ao espetáculo. Aí estourou. Ficou lindo porque a imprensa fazia muita propaganda e mais gente começou a vir. Nessa época, nós já tínhamos quatro hotéis em Fazenda Nova.

E como vocês tiveram a ideia de montar a Nova Jerusalém?

Plínio, meu marido, quando percebeu a lotação da Fazenda Nova, disse para o meu pai: “Seu Epaminondas, vou construir uma cidade”. Conseguimos uma verba do governo para comprar o terreno. Vendi minhas jóias de família, vendi tudo para começar Nova Jerusalém. Compramos um jipe 51, uns telefones velhos da Aeronáutica para nos comunicarmos de um cenário para outro. Eu cozinhava, fazia o figurino, lavava roupa do espetáculo, fazia tudo que precisava. Plínio, eu e os meninos pequenos. Era só trabalho. E assim passamos cinco anos. Aí fomos fazer cinema para ganhar dinheiro e construir Nova Jerusalém.

Como vocês fizeram cinema?

Lá, na Fazenda Nova, se fazia muito cinema. Fizemos 12 filmes e ganhamos por isso. Eu fazia o figurino, Plínio fazia direção de produção e o dinheiro era todo para a construção de Nova Jerusalém.

Acabaram por construir uma verdadeira cidade.

Sim. Lá existe tudo o que você sonhar. Só não tem médico de plantão e hospital, mas o resto tem tudo. Tem hotel quatro estrelas com piscina, lojinha de conveniência, água, luz, tudo. As pessoas de Fazenda Nova sobrevivem da Feira de Sulanca em Caruaru e em Santa Cruz do Capibaribe. Por sinal, fiz uma novela, e Miguel Falabella botou o meu nome de Sulanca [*A Lua me Disse, da TV Globo, dirigida por Leandro Néri, André Felipe Binder e Rogério Gomes, em 2005*]. Essa é vocação do povo por lá. A gente costura vestidos lindíssimos. Os vestidos costurados vão para os shoppings, mas com outra etiqueta. E é de Sulanca. A comunidade vive disso. E, quando chega a Semana Santa, a cidade para. No colégio se hospedam os soldados, em outro, a cavalaria. A maior parte é figurante. A segurança é toda de lá. Tudo é de lá. Só três atores vão para

Nova Jerusalém fazer os papéis principais. O resto é tudo de Pernambuco.

Quantas pessoas foram na última Páscoa?

80 mil pessoas. A maioria do público vem para pagar promessa. Vem gente até de Belém de ônibus, com a passagenzinha contada.

E quem escolhe os atores convidados para fazer os papéis principais?

Vai se escolhendo aos poucos. Claro que tem que escolher com cuidado, porque tem que ser ator que traga público. Todos eles têm uma novela para ensaiar ou gravar.

Quanto é o ingresso?

De R\$ 25 a R\$ 60. A Sexta-feira Santa é o dia que tem mais público. Você cobra mais caro na sexta para evitar muito público, mas não adianta. Eles vão mais na sexta-feira porque é dia da penitência. E como agora está tudo moderno, eles levam um isopor com a comida e só compram lá o refrigerante. Já trazem as cadeirinhas, armam a mesa, lancham ali mesmo. Às 4h, abrem-se os portões, aí todo mundo entra para conhecer o teatro. Na quarta, quinta e sexta, ninguém sai de Fazenda Nova. Eles já ficam hospedados para conhecer o teatro durante o dia com mais calma. A maioria é de católicos e evangélicos. Vão pela fé mesmo. Se Maria chora, eles choram. Se Jesus chora, eles choram. Eles se emocionam. A pessoa que é católica vê e chora de morrer quando Jesus leva uma chicotada. Na hora da ressurreição, eles ficam loucos. Não vão nem para a igreja, vão para lá. Os jovens ficam nos bares, na rua. Do lado de fora da Nova Jerusalém, existe um show para pegar o público que vai saindo. Se 80 mil pessoas saírem de uma vez só, é difícil. Enquanto uns estão se arrumando, um cantor lá fora se apresenta. Eles se distraem, mas não faz tanto sucesso.

Vocês são católicos?

Sou católica desde que nasci. Meu pai era daqueles chatos que saía correndo quando via um bispo, saía andando ajoelhado, pedia a benção. Todos os filhos pediam a benção. Agora, eu não criei os meus filhos assim, não. Eles não quiseram, não aceitaram. Mas sou católica.

Quando o espetáculo começou a fazer sucesso, apareceram pessoas querendo copiar?

Todos! Em Gravatá, Arcoverde, Triunfo, Recife.

Centenas de Paixões de Cristo?

No agreste e no sertão todo. Eles preparam o figurino, copiam o nosso. Só que eles são pobres, os “bichim”. As prefeituras dão bem pouco dinheiro. Mas eles preparam o espetáculo e acho isso importante, porque, quando nós começamos, também não tínhamos nada. Tenho um retrato de meu irmão, que fazia Pilatos, vestindo a saia da minha cunhada como um manto – uma saia de bolinha. Já pensou Pilatos com um manto de bolinha? Uma vez trouxeram um ator muito bom de Recife para fazer Herodes. Todos ficavam hospedado na casa de mamãe. Era um hotel, uma casa enorme. E o ator foi para a rua, se embebedou e ninguém notou. A mãe de minha cunhada ficava em um corredor próximo desse ator. Aí aparece o ator embriagado, sem roupa, às 3h da tarde. Mamãe disse: “Esse não vai fazer Herodes. Arranja um carro e manda embora”. Aí papai disse: “E quem vai fazer Herodes?”. Você. Papai: “Eu? Mas eu nunca vi o texto de Herodes”. E fez, cumpriu o dever dele. No outro dia, arranjaram outro Herodes. Mas tem muita coisa engraçada no espetáculo. Outra vez, meu filho sugeriu comprar uma pólvora em Campina Grande para fazer os efeitos especiais. Lá, era a metade do preço. No espetáculo, soltamos muita pólvora na hora da morte, quando Jesus morre aos pés de Nossa Senhora. Compramos a tal pólvora e, quando o túmulo do Cristo foi aberto, ela estourou na cara de um soldado. Quebrou até o capacete. Na hora da ressurreição de Cristo, entraram com uma maca para carregar o soldado. Mas o espetáculo é tão grandioso, tão bonito, que ninguém viu a maca, ninguém notou que o soldado tinha se queimado todo.

É tudo dublado nas encenações?

É tudo dublado porque ninguém ouve. Já usamos microfone sem fio, já usamos todos os efeitos, mas não dá para o público ouvir, precisa ser dublado. Agora, você não pode perder uma palavrinha, porque, se perder, estraga todo mundo que está contracenando com você. Precisa ser tudo certinho, o texto tem que estar na ponta da língua, não pode haver erro.

Como foi construir uma cidade-teatro de 100 mil metros quadrados?

Cada ano fazia um pedaço. Quando fomos morar lá, eu e os quatro filhos dormíamos em um arruado e fazíamos refeição em outro defronte. Onde eu fazia refeição só existia uma sala, um banheiro, uma cozinha pequena que o Plínio fez para colocar uma pessoa que tomaria conta de Nova Jerusalém. Mas como não tinha dinheiro para pagar aluguel de casa – nem tinha casa, porque ele vendeu tudo para investir em Nova Jerusalém –, fomos morar lá.

E ali eu recebia embaixador e governador. Chegava o governador Nilo Coelho e dizia: “Vim jantar aqui”. Aí falava: “Valha-me Deus!”. Mas ele gostava de xerém, sopa, charque. Um dia eu estava fazendo a mulher de Herodes, bem engraçada, sorrindo, quando vi o fogo na palhoça. Aí eu dizia: “Está tocando fogo!”, e ninguém olhava para mim. Eu disse ao contrarregista: “Corra que está morrendo todo mundo, lá na palhoça do peixe”. Ninguém ligava, só queriam ouvir a voz de Herodes. Tive que sair de cena. Pegou fogo mesmo. Mas tudo começou assim, no sacrifício. Plínio conseguiu reconstruir uma escola, que deu para hospedar os atores, e alugava um prédio para colocar a imprensa. Tínhamos também um coral, que cantava no final do espetáculo, era lindíssimo. Mas depois que começamos a dublar, não se precisou mais de coral.

E sobre a produção mesmo do espetáculo, como que é isso? Conte um pouco a maneira de montar.

Todos recebem. O meu filho Robinson Pacheco consegue verba e patrocinadores com o governo estadual. O governo ajuda muito, porque a gente depende de tudo: tem que ter estrada, luz, estrutura. De Caruaru a Fazenda Nova hoje existe estrada, mas não havia nada, era toda de barro. O doutor Nilo Coelho que fez. A estrada é conservada, toda demarcada, para o povo poder passar certinho, porque é muito público, muito ônibus, muito carro. É uma loucura tão grande que você tem vontade de sair correndo para não ver tanta gente que chega.

Quem teve a ideia de chamar ator da Globo para atuar ali?

Em 1968, nós fizemos *A Compadecida*, em *Brejo da Madre Deus* [filme dirigido por George Jonas com roteiro de Ariano Suassuna]. Plínio ficou muito amigo de Armando Bógus, Antonio Fagundes e Ary Toledo. Quando uma parte de Herodes estava pronta, Plínio levou todos os atores para assistir. Aí Antonio Fagundes – é muito amigo nosso – disse assim: “Meu Deus! Será que um dia eu subo nesse palco?” Armando Bógus disse para Antonio Fagundes: “Claro que vamos subir!” E isso ficou na cabeça dele. Então, começamos a experimentar para ver se dava certo. Porque quando o José Pimentel saiu, o espetáculo estava já arriando. Plínio foi com Robinson ao Rio de Janeiro e falou com o Antonio Fagundes. Arranjamos Fábio Assunção – por sinal, foi um Cristo lindo – Silvia Pfeifer fez Nossa Senhora, e Pilatos foi Jackson Antunes. Aí foram os três. Todo mundo veio para ver Fábio Assunção de perto. Enlouqueceram. Deu tudo certo. A partir daí, todo ano levamos três.

Tiveram 15 mil pessoas na estréia dos atores globais. Como você avalia esses atores de televisão fazendo esses personagens tão tradicionais?

Gosto. Eles têm uma reação muito boa. Eles incorporam o assunto, se juntam aos atores de lá. Todos se respeitam, se gostam, parecem amigos antigos. Não tem essa história de “aquele é da Globo, esse não”. Mas também temos o cuidado de escolher pessoas que se dão bem com todo mundo. Esse ano foi o Mauro Mendonça. No coquetel depois do espetáculo, ele ficou na cadeirinha, esperando os beijinhos das moças, com uma garrafa de vinho. Eu ria, ele parecia um pajé sentado, e todo mundo: “Vamos tirar uma foto?”. Ele: “Pois não, minha filha”. Mas tudo é muito organizado. Em janeiro, as cenas principais são gravadas. Depois, são adaptadas ao teatro para poder entrar na história toda. Todos já vão com os contratos prontos, com DVD, fotografia, com tudo feito. Tem que funcionar tudo direito, porque senão vira bagunça.

E os figurinos? Como são conservados?

São usados por muitos anos, só são remodelados. O clima de Fazenda Nova é seco, então, não estraga a roupa. Se fosse úmido como em Recife, mofava tudo. Minha filha Xuruca Pacheco é estilista e ficou responsável pelo guarda-roupa desde que eu saí.

Como vocês fazem a crucificação? Como é pendurar o ator naquela altura?

Você está querendo saber demais! (*risos*). Daqui a pouco você quer saber o segredo de Judas. Existe uma argola de ferro nas costas, no calção do Cristo. Aí tem um armador de rede na cruz. Amarra o armador de rede nessa argola. Os dois pulsos são amarrados. Botam os dois pregos – de isopor, imitando de verdade – na mão, o sangue e bate. No joelho, nos pés, faz a mesma coisa. Todos os atores que interpretaram Cristo já disseram que, do meio para o final, passam mal, já não vão vendo muita coisa. Ficam tontos. A argola que vai na mão prende a circulação. Todos dizem a mesma coisa. Agora, o Judas, é pior.

Por quê?

Porque o Judas é um calção todo de lona, todo entrelaçado com armadura de rede nas costas. Quando ele morre, aquilo roda, como se fosse enforcado. Embaixo existe uma porção de colchões. Ele cai lá de cima de uma vez. Teve um ano que o ator caiu e quase morreu, porque caiu fora do colchão.

Mas todos treinam para isso, não é?

Muito! Tem que treinar. O ensaio começa às 7h e termina de madrugada.

da. Jesus e Judas são os que mais treinam. E tem a consciência de Judas, que também vai para lá.

É outro ator que faz a consciência dele?

Isso. Existe Judas e um outro ator vestido de Judas que é a consciência dele, discutindo o que ele fez com Jesus. Porque Judas era o maior amigo de Jesus. Judas tomava conta de todo o dinheiro dos apóstolos, era riquíssimo e doou tudo para a igreja para ficar junto de Jesus. Ele não tinha necessidade daquilo. Mas ele sente remorso. Quando ele falha, a consciência fala: “Se eu não tivesse feito, estava melhor”. Judas fica pensando: “Como é que eu fiz isso? Vendi por tão pouco um homem desses”. Isso complica também o público, porque o público termina tendo pena dele. Há uma palavra belíssima de Judas que Plínio escreveu. Judas diz assim quando vai morrer: “O desencanto entrou no meu coração”. Vendeu Jesus por tão pouco dinheiro e era o maior amigo dele. Jesus tinha a maior confiança nele.

De todos esses personagens, o Judas é o mais difícil de fazer?

Eu acho. Mas Caifás, Anás e Pilatos também são. Pilatos é lindo!

Por quê? Qual a estrutura desses personagens?

Anás é sogro de Caifás, são os dois que compram Jesus. Pilatos não tem coragem de soltar Jesus. Ao invés dele, Barrabás fica livre por decisão do povo. Herodes era falso, não queria entrar em briga. Ficou o pobre do Pilatos lavando as mãos. A cena de Pilatos é belíssima, quando entra em uma briga com os cavalos. Você enlouquece! É linda, linda, linda! Pilatos começa a falar, a discutir com Anás e Caifás, os dois querendo que prendessem e matassem Jesus. Pilatos corre com medo, porque procurava e não encontrava defeito em Jesus. Caifás, o maior sacerdote, era muito vaidoso. Andava com a roupa cheia de sininho pendurado para, quando passasse na rua, todo mundo visse ele passando. Ele queria de qualquer maneira matar Jesus para mostrar que tinha poder. Já Anás, não. Era fraco, velho, mas apoiava tudo o que o genro fazia. Então, Caifás é um dos mais importantes do espetáculo. A ceia é uma coisa linda também. Todo mundo chora na cena. Na cena de Herodes, quando as mulheres chegam quase todas nuas, os homens correm para ver. Nem olham para o pobre do Herodes, olham mais para as mulheres. E é cada mulher bonita! O sermão é outra parte linda. Acontece o milagre do cego e a benção das crianças rezando o Pai Nosso.

Os grupos de teatro geralmente montam peças diferentes, vocês montam sempre a mesma. O que muda de um ano para o outro?

É o mesmo texto, escrito em 1967. Mas todo ano melhora o cenário, a roupa, alguma coisa. Porque tudo é caro. Ali, não pode ser nada falso. Pedra é pedra. Começamos sem som. Testamos o gerador, como falei, mas não resolveu. Aí botamos umas caixas de som que resolveram, mas ficou feio, atrapalhava a visão. Agora existe uma torre de som moderna. Nada falta. Todo mundo que assiste ao espetáculo sai satisfeito. Sou eu elogiando aqui, mas, se fosse ruim, eu também diria.

Para terminar, o que é o teatro para a senhora?

Minha vida. Fui eu quem fiz com Plínio, dei a vida toda, passei a vida toda nele. É como se fosse um filho que não envelhece, que se renova a cada ano. Porque filho mesmo vai envelhecendo, a mãe vai envelhecendo, e a Nova Jerusalém parece que vai ficando mais nova. A cada ano você coloca uma novidade. É um filho bom, que não envelhece.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/slider/diva-pacheco/>